

Extremamente preocupado com os aspectos formais de sua poesia, cujos processos de elaboração são bastante valorizados pela responsabilidade com que o poeta costuma encarar o seu ofício de escritor, Linhares Filho consegue o difícil equilíbrio de conciliar as suas ambições de modernidade com a valorização estética da linguagem literária.

Estou convencido de que este poeta não se coloca ao lado daqueles para os quais só existe poesia a partir da expressão ostensiva de sentimentos ideológicos. O grande Jorge Luís Borges, falecido recentemente, teve a coragem de dizer que procurava nos livros a emoção estética. E não sei de ninguém que o tivesse contestado. A mediação estética, para Linhares Filho, é um referencial de indiscutível relevância na formulação do texto literário. Releva salientar que a densidade metafísica é outra dimensão preponderante na poética do autor cearense.

Gostaria de fazer um destaque especial para o poema "Romanceiro de um Morto Vivo", sobre a morte de Tancredo Neves. É sabido, aliás, que a morte do político mineiro deu ensejo a uma enxurrada de poemas medíocres, conforme se viu em alguns dos suplementos literários que se publicam no País. O poeta Linhares Filho, o que não é surpresa para ninguém, ultrapassou brilhantemente essa medianidade literária. Na realidade, ele escreveu um dos melhores textos poéticos sobre a morte de Tancredo Neves. Alguns dos segmentos do poema são realmente muito bons. É o caso, por exemplo, dos números 3, 4 e 5.

Estas notas apenas para dizer das excelentes impressões que me causaram os poemas mais recentes de Linhares Filho. Ao lado do grande crítico cuja eficiência todos lhe reconhecemos e aplaudimos, convive, nele, um poeta de superior categoria, em perfeita sintonia com os mistérios do mundo e com "o momento agônico do homem contemporâneo".

A COLHEITA POÉTICA DE LINHARES FILHO

SÂNZIO DE AZEVEDO

QUANDO, após uma estada de quase sete anos em São Paulo, retornei ao Ceará em 1966, trazendo a poesia bissexta dos meus *Cantos da Longa Ausência*, editados nesse mesmo ano, encontrei os meios literários de minha terra animados com o surgimento de um novo grupo de jovens escritores. Era o chamado Grupo SIN, que teria efêmera duração, mas que marcaria sua presença nas letras com a publicação, em 1968, da *Sinantologia*, reunindo textos de Barros Pinho, Horácio Didimo, Inês Figueiredo, José Leão Júnior, Lêda Maria, Linhares Filho, Pedro Lyra, Roberto Pontes, Rogério Bessa e Rogério Franklin. Ao tempo dessa coletânea, onde se vêem alguns nomes que se projetaram, já haviam estreado em livro Horácio Didimo (*Tempo de Chuva*, 1967), Pedro Lyra (*Sombras*, 1967),

Roberto Pontes (*Contracanto*, 1968), e Rogério Bessa (*Poesia em 2 Tempos*, 1968). Em 1969 Barros Pinho lançaria seu *Planisfério*, mas antes dele, ainda no ano da *Sinantologia*, Linhares Filho havia estreado em livro com os *Sumos do Tempo*.

A retomada destes registros de vinte anos atrás me foi provocada pela leitura de *Tempo de Colheita* (1987), o mais recente livro de poemas de Linhares Filho.

Diga-se de antemão que Linhares Filho, ao estreiar, não o fez com a timidez de muito principiante, que mal balbucia o idioma poético: em *Sumos do Tempo*, já há páginas definitivas, e Braga Montenegro, ao prefaciá-lo, destacava alguns poemas (os intitulados de "momentos"), que, na opinião do saudoso crítico, "são como que a autobiografia do poeta e se expressam em símbolos, imagens e cogitações de alto poder de persuasão estética".¹ Deste livro inicial, transcrevi, na minha *Literatura Cearense* (1976), "Elegia do Cavalo da Infância" e "A Minha Mãe, Habitante da Morte". Mas não será demais a reprodução do "Momento 6", para se ter uma idéia da força com que se apresentava o poeta:

*Há mais que o simples ser em cada cousa.
Mesmo quando nada mais fôr,
tudo será em nós
e saberemos descobrir o verso oculto
até nos mais desprezados objetos.
Então, de toda a Poesia
se fará um só Poema.
Conosco todas as cousas serão chamadas
e cada uma responderá em nós,
porque todo minuto de cada espaço
está fixado no Eterno
e há mais que o simples ser em cada cousa.*

Consolidaria ele seu nome de poeta com outras obras, como *Voz das Coisas*,² onde a mesma carga lírica percorre textos do teor de "Elegia para meu pai" ("A tua pronta memória / de um longe tempo arquivado, / enchendo em laudas o instante / das tuas sombrias vésperas."); "O extinto sótão" ("Ao interior daquele sótão / alguma solidão confiou / o seu ilícito orgasmo, / algum colóquio o seu sigilo, / alguma devoção a sua reza / e algum ódio a sua bilis."); "A minha mãe na morte" ("tenho necessidade de falar-te: / voltar sempre a ti ainda, / que eu sou o turbulento rio / de que és a calma origem."), e inúmeros outros.

Em *Frutos da Noite de Trégua*,³ revela, no "Conhecimento e invocação da poesia", que a visita ao poema tem, para ele, a mesma força revigoradora do contacto da Terra para o gigante Anteu, na Mitologia clássica. Por isso, confessa: "Banho-me no Poema / e me liberto redivivo e novo." A poesia há de ser a razão maior de sua vida, e deverá mesmo ecoar para além da extinção de sua presença física, e é assim que no final do "Soneto dos Quarenta Anos" (um dos mais belos

do livro) diz: "penosamente irei sempre subindo, / a perseguir ideal radioso e lindo, / e a enfrentar impiedades e furores. // Até que tu, Hora Suprema, aplaques / meu coração, que descerá aos baques, / mas dando eco triunfal às minhas dores."

Tempo de Colheita,⁴ seu mais recente livro de poesia, vem confirmar mais uma vez a legitimidade do papel desempenhado pelo poeta em nossas letras, ele, que, movendo-se em versos livres, em redondilhas, em octossílabos, em decassílabos ou em alexandrinos, demonstra sempre a mestria de um artesão dono de seu ofício.

Dividido em três segmentos, a "Colheita Metafísica" fala da criação poética, das velhas lembranças, dos amores, fugazes ou eternos, dos grandes mestres e da busca de Deus; a "Colheita Telúrica e Humanística" celebra a cidade natal do autor, Lavras da Mangabeira, a volta do escritor ao seu Ceará, a faina dos oprimidos, a angústia do homem; por fim, a "Colheita Cívica" trata do sacrifício de Tancredo Neves, ergue um Hino à Bandeira do Brasil e exalta a Pátria.

Da maior densidade e de profunda beleza é o poema que abre o volume, "O Trajeto da Criação", texto em que se estadeia toda a crença do artista na grandeza do ato poético: "Logo há de celebrar-se a vida e a morte, / pois é tempo de onírica colheita / e Deus vai comunicar ao homem / uma parcela do hálito que fez o Gênese". Tudo se transforma e se transfigura, porque afinal, "com a manhã, das mãos aflitas do poeta / nasce o Poema".

Destaque-se, dessa primeira parte, "Além da Estrada de Damasco", soneto pleno da mais pura religiosidade, e que enfileira Linhares Filho naquela linhagem que nos deu algumas das mais belas páginas místicas de um Gregório de Matos, de um José Albano ou de um Jorge de Lima:

*Esperaste-me tanto, Deus clemente!
Do abismo em que afundava, a ti clamei,
e tua mão, que parecia ausente,
logo me conduziu à doce grei.*

*Saio a proclamar isto, de repente:
Achei Deus! Achei Deus! Meu Deus achei!
Cegaste-me na estrada, e abriu-se a mente.
Quero, louco de ti, seguir-te a lei.*

*Sou quem já, sem vivência, te contava
como porto final do ser humano,
poesia e paz, que só agora sei.*

*Leva-me, no teu vento, à selva brava
da missão a cumprir, o eterno plano
de te pregar ao mundo como Rei.*

Note-se o requinte com que o poeta fez iguais as rimas finais de cada estrofe, podendo-se dizer assim que o esquema rimático do soneto é ABAB / ABAB / CDB / CDB.

Da segunda parte, "Tempo de Colheita 2" mostra, em seus octossílabos, a exortação do poeta que, embora essencialmente lírico, sabe com propriedade e arte ferir a corda da poesia social e participante: "Homem, que vives a cumprir, / suando ao sol, a dura faina / é tua a terra da colheita. (. . .) Não te conformes com uma estreita / faixa de chão, da qual apanhes / uma mesquinha e injusta safra." E conclui o poema: "Hás de lavrar o chão da gleba / num gesto puro que deleita / assim como eu o tempo lavro / para o poema da colheita." Nesta mesma parte, "Pelos Oprimidos" segue a mesma linha de indignação contra as injustiças sociais: "Chora a nuvem triste orvalho / pelos que não têm trabalho. / Pia a soturna coruja / por quem de angústia escabuja." O final, porém, é de esperança: "Mas a todos, cheio de uma intuição, / um galo anuncia a libertação."

Da última parte, o "Romanceiro de um Morto Vivo", composto de sete segmentos ("Reflexão do Porta-voz", "Fala de Risoleta Neves", "Murmúrio do Coveiro 'Mão de Onça'", "Voz do Vento", "Um Diálogo nas Trevas", "Uma Voz nas Trevas" e "Mensagem de Tancredo Neves"), ostenta momentos de rara intensidade poética. Destaque-se, dentre essas partes, a quinta, "Um Diálogo nas Trevas", que repete, como primeiro verso de cada estância, uma frase que teria sido pronunciada pelo estadista, em sua angústia:

- *Eu não merecia isto.*

- *Sofreste pela Nação,
cujos chefes a Mefisto
deram o seu coração.*

- *Eu não merecia isto.*

- *Por crimes do alto escalão
padeceste, novo Cristo,
e por dias que virão.*

- *Eu não merecia isto.*

- *Pela paz de cada irmão
e contra um pútrido quisto,
não foi teu martírio em vão.*

- *Eu não merecia isto.*

- *Mas fecunda é a negação:
de herói e mártir um misto
todos te proclamam.*

Como bem observou Francisco Carvalho, discorrendo precisamente sobre *Tempo de Colheita*, "O aspecto social, o aspecto ético, o aspecto filosófico, o aspecto estético e o aspecto religioso - todas essas dimensões, além do plano existencial e do metafísico, estão harmoniosamente articuladas na engenhosa trama metafórica dos seus poemas."⁵

E, como já tivemos oportunidade de dizer, quando da apresentação, no Curso de Letras da UFC, de um dos livros do poeta, Linhares Filho é um desses artistas verdadeiros, um poeta no sentido mais nobre do termo. A poesia se faz com palavras, já o lembrou Mallarmé na anedota famosa, e Linhares Filho é dos que conhecem os sortilégios da linguagem, os segredos da arte de erguer universos com a constelação dos signos. Em suma, ele é poeta, senhor do verbo e do verso, pastor de metáforas e recriador do mundo. ...

PEDRO LYRA

NOTAS

- 1) MONTENEGRO, Braga. Da Criação e do Juízo. In: Linhares Filho. *Sumos do Tempo*. Fortaleza, SIN Edições, 1968, p. 17.
- 2) Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1979.
- 3) Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1983.
- 4) Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.
- 5) CARVALHO, Francisco. "Tempo de Colheita". In: *O Povo*, Fortaleza, 21.6.87.

DO AUTOR

1987 - *Sumos do Tempo*, Fortaleza, SIN Edições.

1979 - *Tempo de Colheita*, Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará.

1983 - *Tempo de Colheita*, Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto.

1987 - *Tempo de Colheita*, Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto.

1987 - *Tempo de Colheita*, Fortaleza, *O Povo*.

1989 - *Tempo de Colheita*, Fortaleza, *O Povo*.

1990 - *Tempo de Colheita*, Fortaleza, *O Povo*.

1991 - *Tempo de Colheita*, Fortaleza, *O Povo*.

1992 - *Tempo de Colheita*, Fortaleza, *O Povo*.

1993 - *Tempo de Colheita*, Fortaleza, *O Povo*.